



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

SÃO LUÍS-MA | VOLUME 18 | NÚMERO 53 | MAIO-AGOSTO 2025

CHAMADA TEMÁTICA - Visões, aparições e cultos marianos no período contemporâneo

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v18n53e26836>

As Filhas de Maria: agentes da história transnacional no século XIX

Ana Cristina Pereira Lage

Professora Associada do curso de História da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); do Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFVJM); do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG (linha História da Educação)

 <http://lattes.cnpq.br/8720539429917901>

 <https://orcid.org/0000-0003-2716-6847>

 ana.lage@ufvjm.edu.br

Thaís Nívia de Lima e Fonseca

Professora Titular aposentada de História da Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (linha História da Educação) da mesma instituição

 <http://lattes.cnpq.br/8412524167340382>

 <https://orcid.org/0000-0002-5090-293X>

 thaisnlfonseca@gmail.com

RECEBIDO | 8 jun. 2025 – APROVADO | 13 ago. 2025



Resumo: Partindo de breves reflexões sobre as abordagens conectadas e transnacionais na historiografia contemporânea e sua pertinência para o estudo dos movimentos de instituições religiosas no espaço e no tempo, sobretudo desde o século XVI, esse artigo trata do culto à Nossa Senhora das Graças, à Medalha Milagrosa e sua relação com as Filhas de Maria, consideradas como as melhores educandas das irmãs Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no século XIX. Maria teria aparecido por três vezes para a noviça francesa Catarina Labouré a partir de 1830 e apresentado o modelo da Medalha Milagrosa, que deveria ser distribuída entre as suas “filhas” de todas as nações. Assim surgiram as Filhas de Maria, consideradas como aquelas mais capazes de multiplicar o discurso católico e expandi-lo universalmente nas instituições educativas femininas. A medalha seria a exteriorização material dos valores, concepções, papéis e funções que seriam seguidos pelas escolhidas. Pretendemos analisar o movimento transnacional das Filhas de Maria a partir das festividades do culto da Medalha Milagrosa, instituída em 1894.

Palavras-chave: Filhas de Maria; Medalha Milagrosa; história transnacional.

The Daughters of Mary: agents of transnational history in the 19th century

Abstract: Starting from brief reflections on the connected and transnational approaches in contemporary historiography and their relevance for the study of the movements of religious institutions in space and time, especially since the 16th century, this article deals with the cult of Our Lady of Grace, the Miraculous Medal and its relationship with Daughters of Mary, considered to be the best students of the Daughters of Charity of Saint Vincent de Paul in the 19th century. Mary appeared three times to the French novice Catherine Labouré from 1830 onwards and presented the model of the Miraculous Medal, which was to be distributed among her “daughters” of all nation. Thus came into being the Daughters of Mary, considered to be those most capable of multiplying the Catholic discourse and expanding it universally in female educational institutions. We intend to analyse the transnational movement of the Daughters of Mary on the festivities of the cult of the Miraculous Medal, instituted in 1894.

Keywords: Daughters of Mary; Miraculous Medal; transnational history.

Las Hijas de María: agentes de la historia transnacional en el siglo XIX

Resumen: A partir de breves reflexiones sobre los enfoques conexos y transnacionales en la historiografía contemporánea y su relevancia para el estudio de los movimientos de las instituciones religiosas en el espacio y el tiempo, especialmente a partir del siglo XVI, este artículo aborda el culto a Nuestra Señora de las Gracias, la Medalla Milagrosa y su relación con las Hijas de María, consideradas las mejores alumnas de las Hijas de la Caridad de San Vicente de Paúl en el siglo XIX. María se apareció tres veces a la novicia francesa Catalina Labouré a partir de 1830 y le presentó el modelo de la Medalla Milagrosa, que debía distribuirse entre sus “hijas” de todas las naciones. Así surgieron las Hijas de María, consideradas las más capaces de multiplicar el discurso católico y expandirlo universalmente en las instituciones educativas femeninas. La medalla sería la materialización de los valores, conceptos, roles y funciones que seguirían las elegidas. Nos proponemos analizar el movimiento transnacional de las Hijas de María a partir de las festividades del culto a la Medalla Milagrosa, instituida en 1894.

Palabras Clave: Hijas de María; Medalla Milagrosa; historia transnacional.

Introdução

A Congregação das Filhas de Caridade foi fundada na França em 1633 por Vicente de Paulo e Luísa de Marillac. Já havia uma vertente masculina, a Congregação da Missão, fundada por Vicente de Paulo em 1625 e cujos religiosos eram conhecidos por Lazaristas. Desde o início ocorreu uma interdependência das Filhas de Caridade com relação aos Lazaristas, uma vez que estes eram os confessores das irmãs vicentinas, tinham um superior em comum, como também circu-

lavam e se estabeleciam por diversos espaços conjuntamente. Pensar as interligações entre o feminino e o masculino na religiosidade vicentina só é possível a partir da compreensão das suas relações de gênero, especialmente quando trabalhamos com fontes que apresentam discursos produzidos por homens acerca das mulheres, ou escritos femininos que passavam pelo controle masculino da Congregação da Missão.

A intencionalidade da fundação da vertente feminina estava diretamente ligada à expansão da ideia de caridade, por conta da execução de diversas atividades que os lazaristas delegavam às mulheres, como o cuidado com os doentes nos hospitais, a assistência em asilos de incapazes e idosos, a criação da infância abandonada e órfã, o auxílio em maternidades, prisões etc. Percebe-se que, no início da Congregação das Filhas de Caridade, havia uma preocupação com a assistência aos pobres, mas suas práticas foram modificadas com o passar do tempo e ainda articuladas com as necessidades dos locais onde se instalaram. Como indicava o próprio fundador da Congregação, tempo e espaço deveriam direcionar as suas ações.¹ Neste sentido, a preocupação com a prática da educação escolar feminina foi fortalecida em meados do século XIX, momento em que se observa a ampliação dos discursos acerca da necessidade de educar as mulheres. Além disso, neste período a Igreja Católica passou a usar a formação destas para ampliar o número de fiéis e, consequentemente, ocorreu a expansão da Congregação pelas “quatro partes do mundo”².

A historiografia contemporânea tem estado cada vez mais atenta à discussão sobre as chamadas abordagens transnacionais, conectadas, globais. São diversas as denominações e conceituações, embora tenham em comum a crítica à história construída numa perspectiva nacional (muitas vezes também nacionalista) e eurocêntrica, na qual os espaços e as temporalidades são partes integrantes ou simplesmente derivadas de uma “história central”, quase sempre a partir da Europa e de suas referências. A crítica desdobra-se na direção da história comparada, acusada por muitos historiadores de não superar as referências nacionais, de ser pouco problematizadora da questão da própria comparação e de tender à homogeneização dos processos e/ou eventos históricos. O desenvolvimento de toda essa discussão é tido como decorrente de contextos históricos e acadêmicos específicos, como a virada linguística, o pós-modernismo, o pós-colonialismo, o transculturalismo, a globalização³.

Ainda que alvo de críticas, a história comparada, ou mesmo os métodos de comparação são vistos por alguns autores como inerentes ao trabalho dos historiadores, podendo ser uma importante ferramenta para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para uma perspectiva transnacional ou conectada (Purdy, 2012). Mas outras questões integram o conjunto de elementos que contribuíram, ou ainda tem contribuído para o avanço dessas abordagens, principalmente os estudos sobre fronteiras, a diáspora negra, a circulação cultural. Mas seguem as

¹ “Eis então as suas finalidades, minhas filhas, até o presente. Não sabemos se viveremos muito tempo para ver se Deus dará novos empregos para a Companhia, mas nós sabemos que, se viverem conforme as necessidades que Nosso Senhor demanda de vocês, se exercerem como forem necessárias suas obrigações, tanto no serviço dos pobres quanto pela prática de suas regras, oh! Deus protegerá cada vez mais os seus exercícios e preservará as suas obras” (Vicente de Paulo. *Apud*. Maynard, 1860. p. 244-245. Tradução Livre).

² Expressão utilizada pelo historiador Serge Gruzinski (2014), compreendida aqui como a expansão da Congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo por diversas partes do mundo, conectando espaços e fortalecendo a cultura congreganista em uma perspectiva universalizada.

³ Alguns autores são especialmente apontados como referências para o entendimento do desenvolvimento desses debates, e suas críticas às abordagens nacionais e eurocêntricas, de Marc Bloch e Fernand Braudel, Serge Gruzinski e Sanjay Subrahmanyam.

dificuldades de definição da história transnacional: a superação dos isolamentos geo-políticos e temporais; história das conexões e das interações; história dos trânsitos que envolvem diferentes grupos e identidades. Entre diversas propostas de definição, uma que se mostra adequada ao tema tratado nesse artigo é a sugerida por Isabel Hofmeyr, para quem:

qualquer abordagem transnacional é sua preocupação central com movimentos, fluxos e circulação, não simplesmente como um tema ou motivo, mas como um conjunto analítico de métodos que define o próprio empreendimento. Em outras palavras, uma preocupação com o transnacionalismo direcionaria a atenção para o “espaço dos fluxos” () A afirmação de métodos transnacionais não é simplesmente que processos históricos são feitos em lugares diferentes, mas que eles são construídos no movimento entre lugares, locais e regiões (Hofmeyr *et. alli*, 2006, p. 1444. Tradução Livre).

Essa definição nos parece bastante apropriada ao estudo dos movimentos das instituições religiosas católicas nos espaços entre a Europa, as Américas, África e Ásia, desde o século XVI, quando ordens religiosas se espalharam por essas regiões levadas pelos propósitos de ampliação da fé cristã. A ligação entre essas instituições e as monarquias expansionistas da época moderna é tema já bastante estudado na historiografia, com o necessário destaque à atuação da Companhia de Jesus e da Ordem Franciscana, que se espalharam para além da Europa em seu esforço missionário, catequético e educativo. Nos séculos seguintes, ainda que enfrentando revezes – como a expulsão dos jesuítas dos impérios ibéricos no século XVIII, e os conflitos com os poderes liberais laicizadores no século XIX – as instituições congregacionais católicas seguiram em frente, atuando conforme alguns padrões que, para muitos, foram estabelecidos pelos jesuítas, principalmente no tocante à uniformização de procedimentos, materiais e práticas, presentes onde quer que estivessem.

Analisar esses padrões, ou antes, suas manifestações, significa ir além da constatação de sua presença em diferentes partes do mundo a fim de comprovar a intensa circulação das ordens religiosas e as influências que podem ter deixado por onde estiveram. Também é necessário ir além da simples comparação entre suas formas de atuação, no espaço e no tempo. Parece-nos, então, que a sugestão de Hofmeyr nos permite analisar os movimentos das ordens religiosas nos “espaços dos fluxos”, e procurar entender como sua atuação, suas práticas e suas estratégias agiram nesses espaços como elementos conectores. Isso também nos leva a refletir sobre outra dimensão importante desses movimentos, no sentido da atuação mediadora das instituições e de seus procedimentos, interligando, mas também reelaborando, conforme nos orientam as conceituações elaboradas por Serge Gruzinski (2001; 2001a). Não se tratava, assim, de um movimento unilateral, de instituições religiosas que, no seu afã missionário ou educador, pretendiam levar sua ação a diversas regiões e promover mudanças, mas também de serem elas mesmas modificadas pelos contatos e interações com outras referências culturais. Essa é a direção na qual pretendemos seguir, ao analisar a atuação Congregação das Filhas de Caridade e sua atuação.

A circulação por diversos locais e o envio das Filhas de Caridade para fora do espaço francês aconteceu desde a época do fundador. Já em 1652 foram enviadas três irmãs para a Polônia, com o intuito de cuidar de soldados feridos, de doentes da peste e de órfãos. No século XVIII chegaram no território italiano, à Suíça e à Espanha com intencionalidades parecidas.

Mas a maior movimentação expansionista ocorreu quando estavam sob a direção do Padre Jean-Baptiste Etienne, Superior Geral da Congregação da Missão entre 1843 e 1874.⁴ Apenas neste

⁴ O francês Jean-Baptiste Etienne nasceu na Vila de Longueville, em 1801. Proferiu os votos junto à Congregação

momento podemos falar em uma circulação das vicentinas pelas “quatro partes do mundo”, uma vez que, sob a orientação do Padre Etienne se instalaram no Brasil, Portugal, Egito, México, Cuba, China, Estados Unidos, Áustria, Irlanda, Inglaterra, Peru, Chile e Argentina (Maynard, 1860).

Pode-se pensar em uma troca entre a cultura francesa, feminina e congreganista das Filhas de Caridade, e a cultura dos diversos lugares em que estiveram instaladas. As trocas são indissociáveis dos contextos em que se desenvolvem. Mistura-se uma cultura católica vicentina à cultura dos seus assistidos.⁵ Ocorriam conexões entre as Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, mediadoras da cultura vicentina, a partir da circulação de diversas correspondências e pela confecção de manuais que estabeleciam os procedimentos específicos para as congregadas. Seus alunos e demais assistidos, que tornavam-se híbridos, transformados e diferenciados dos outros indivíduos pelo contato, como era o caso das meninas educadas nos colégios vicentinos, multiplicadoras e incentivadoras da cultura vicentina.

Deve-se levar em consideração que algo ligava e conectava os princípios destas religiosas na França e em outros espaços. As conexões eram feitas por pessoas, cartas, objetos, manuais, sistematização de regras e formulação de hábitos. É possível perceber a identidade da congregação feminina francesa em suas articulações de mestiçagem cultural, universalização e até rejeição nos diversos locais por onde se espalharam (Gruzinski, 2014).

No século XIX, a ideia de universalismo cristão mantinha-se principalmente pelo trabalho e circulação das congregações religiosas, membros da “elite globalizada”, que então difundiam o ideário católico romanizado e universal, em contrapartida à expansão do ideário liberal, que privilegiava as identidades nacionais, tanto políticas quanto religiosas. Supõe-se que as instituições criadas pelas vicentinas foram instaladas com a intenção de fortalecer o ideário católico, que passava a utilizar as mulheres como instrumentos de expansão de um novo discurso religioso, dentro dos quadros de uma Igreja considerada como Ultramontana (ou católica romanizada) e que propunha o fortalecimento do poder papal e universal.⁶ O ultramontanismo é essencial para a compreensão das particularidades da circulação das Filhas de Caridade, que, principal-

da Missão em 1822 e tornou-se padre três anos depois. Foi eleito como Superior Geral em 1843. Por 31 anos comandou as Filhas de Caridade e os Lazaristas, momento em que conseguiu expandir as suas ações por diversos espaços. É importante observar que o Superior Geral enfrentou muitos desafios para conseguir circular os religiosos e religiosas pelas *quatro partes do mundo*, pois até dentro da própria Congregação da Missão havia pessoas contrárias às suas ações. “A ênfase dada por esse superior ao “espírito primitivo” congregacional significou também uma reação às tentativas de “modernização” do próprio grupo, ou seja, o padre Étienne defendeu as regras vicentinas e estimulou seus confrades a não se desviar delas” (Santirocchi e Santirocchi, 2020, p.26).

⁵ “Misturar, mesclar, amalgamar, cruzar, interpenetrar, superpor, justapor, interpor, imbricar, colar, fundir etc., são muitas as palavras que se aplicam à mestiçagem e afogam sob uma profusão de vocábulos a imprecisão das descrições e a indefinição do pensamento.” (Gruzinski, 2001, p. 42).

⁶ O pensamento da Igreja Católica no século XIX estava centrado principalmente nas propostas *ultramontanas*, movimento também conhecido como *Catolicismo Romanizado*. Do latim *ultramontanus*, o termo designou aqueles fiéis que atribuíam ao Papa um importante papel na direção da fé e no comportamento do homem. Na Idade Média, o termo já era utilizado quando se elegia um Papa não-italiano (“além dos montes”). O nome tomou outro sentido a partir do século XIV, quando foram postulados, na França, os valores do galicanismo, que defendia o princípio da autonomia da Igreja francesa com relação ao papado. Eles aplicavam o termo ultramontano aos partidários das doutrinas romanas que acreditavam ter de renunciar aos privilégios da Gália em favor do chefe da Igreja (o Papa), que residia neste caso, “além dos montes”. Nas primeiras décadas do século XIX, devido a frequentes conflitos entre a Igreja e o Estado, foram chamados de ultramontanos os partidários da liberdade da Igreja e de sua independência com relação ao Estado. O termo ultramontanismo aparecia como uma reação ao mundo moderno e como uma orientação política desenvolvida pela Igreja, marcada pelo centralismo romano, o fechamento sobre si mesma e a recusa do contato com as novas ideias (Lage, 2013).

mente por meio de suas atividades educativas, fortaleceram a circulação da religião católica. A educação de crianças, especialmente de meninas, fundamentou a preparação de futuras esposas e mães, todas defensoras e multiplicadoras do catolicismo romanizado.

A universalidade católica vinha respaldada e fortalecida pelo discurso do Papa e pela ampliação do território a ser catequizado, objetivos conquistados por um novo elemento multiplicador: a circulação e a universalização crescente das congregações femininas. A expansão das congregações femininas no século XIX, particularmente de origem francesa, caracterizava-se pela “mobilidade congreganista”, que tanto significou a ampliação e a instalação de novas congregações em outros territórios, quanto a construção de novas Casas e ainda a multiplicação do número de religiosas (Langlois, 1984).

Todas as congregações religiosas católicas sempre buscaram enxergar indícios de santidade em alguns de seus membros, que poderiam identificar e unir o próprio grupo, mas também fortalecer a sua imagem para o público externo.⁷ A santidade seria um grande ponto de mediação entre a própria organização e as demais pessoas. A cultura vicentina também produziu no interior da sua organização os seus beatos e santos, mártires ou pessoas exemplares, como foi o caso dos fundadores da Congregação. Uma Filha de Caridade, chamada Catarina Labouré (1806-1876), que foi beatificada em 1936, e canonizada em 1947, abriu o caminho para a construção do culto à “Nossa Senhora das Graças”, com o seu objeto de devoção, a “Medalha Milagrosa”, e com as suas principais seguidoras, as “Filhas de Maria”. No meio da diversidade de meninas que educaram (órfãs, pobres ou pagantes), as Filhas de Caridade conseguiram destacar aquelas que consideravam as mais capazes de multiplicar o discurso católico. As escolhidas para esse empreendimento foram chamadas de “Filhas de Maria”. No caso da produção da santidade de Catarina Labouré e com as devoções produzidas pelas Filhas de Caridade com relação à “Medalha Milagrosa”, pode-se considerar que, a partir do século XIX, este foi um dos maiores pontos de mediação da Congregação vicentina para garantir a sua mobilidade pelas “quatro partes do mundo”. Este artigo busca mostrar essa correlação entre a expansão da congregação das Filhas de Caridade por meio do culto à Medalha Milagrosa e a seleção das Filhas de Maria.

Catarina Labouré e o culto à Medalha Milagrosa

Catarina Labouré nasceu em Fain-lès-Moutiers - uma pequena cidade francesa, e só entrou para a Congregação das Filhas de Caridade em Paris em 1830, quando tinha 23 anos. Naquele momento, a França passava por uma revolta liberal para a limitação dos poderes políticos do monarca.⁸ Essa revolta influenciou vários outros movimentos liberais em diversos lugares. A par-

⁷ A santidade pode ser vista como: “fenômeno espiritual, ela é a expressão da busca do divino; fenômeno teológico, ela é a manifestação de Deus no mundo; fenômeno religioso, ela é um momento privilegiado da relação com o sobrenatural; fenômeno social, ela é um fator de coesão e de identificação dos grupos e das comunidades; fenômeno institucional, ela está no fundamento das estruturas eclesiais e monásticas; fenômeno político, enfim, ela é um ponto de interferência ou de coincidência da religião e do poder. Pode-se, consequentemente, considerar a santidade o lugar de uma mediação bem sucedida entre o natural e o sobrenatural, o material e o espiritual, o mal e o bem, a morte e a vida” (Gajano, 2002, p. 449).

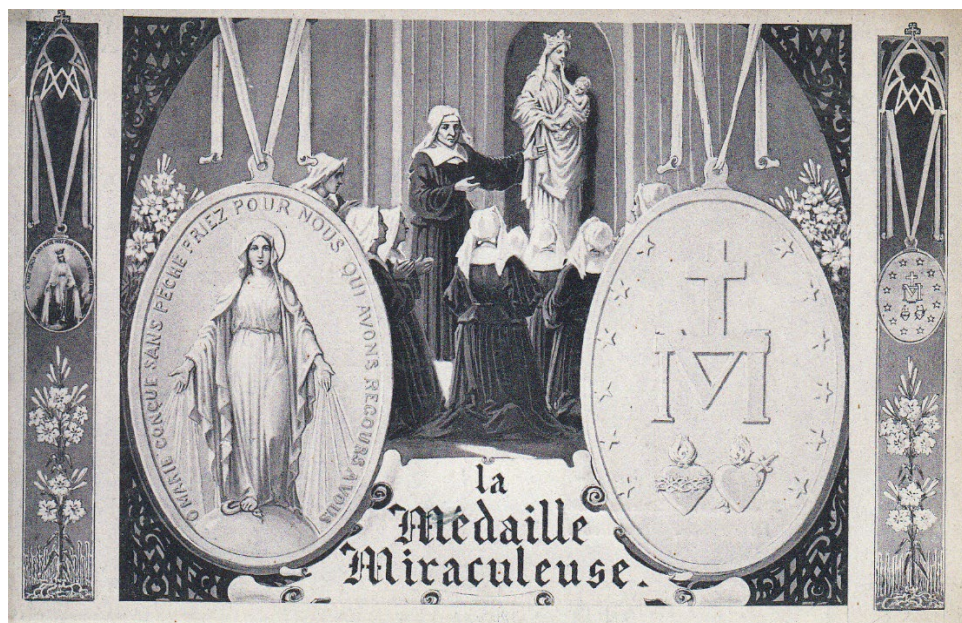
⁸ A Revolta Liberal francesa de 1830 partiu de uma manifestação popular com a formação de barricadas pelas ruas de Paris, com a intenção de forçar a abdicação do rei Carlos X. A burguesia utilizou do movimento nas ruas para controlar e colocar no poder um novo rei, Luís Filipe (1830-1848). O povo conseguiu derrubar Carlos X, mas “eles ficam fora do novo governo: os compromissos de Luís Filipe eram com a burguesia liberal financeira” (Menezes, 2011, p.145).

tir do século XIX, por meio das suas possíveis aparições, Maria se tornaria a grande intercessora nos momentos em que ocorreram os maiores conflitos entre as questões religiosas e os poderes liberais locais. A crença nas suas aparições acalmava os ânimos e provocava uma reflexão acerca da religiosidade por parte da população. Curiosamente, a Virgem Maria teria aparecido para Catarina Labouré na Capela da Rue Du Bac de Paris, em 1830, quando a revolta francesa poderia afetar os rumos da própria organização vicentina.

Segundo Maynard (1860), foram relatadas três aparições na Capela em Paris, em 1830, quando a noviça Catarina ainda se preparava para a sua missão como Filha de Caridade. Na primeira aparição, Maria teria informado que estava triste porque havia muitos abusos e irregularidades no mundo e apontava que um dos motivos para a desordem era a não observância da Regra de São Vicente de Paulo. Na segunda vez, Nossa Senhora teria mostrado uma medalha e informado que todos aqueles que a portassem ao pescoço alcançariam a graça desejada. No terceiro momento, quando os vicentinos ainda não acreditavam nas aparições para a noviça, Nossa Senhora teria informado que Catarina nunca seria abandonada por sua Mãe. As explicações que Catarina teria recebido para os símbolos da medalha foram fundamentais para a aceitação por parte dos vicentinos e o próprio crescimento do culto a Nossa Senhora, além de refletir no movimento expansionista da Congregação. Ainda teria aparecido diante da noviça Catarina Labouré, um quadro explicativo dos símbolos da medalha, e ela ainda teria escutado uma voz que dizia:

... “Estes raios simbolizam as graças que Maria concede aos homens, e o ponto do globo em que irradiam com mais abundância, é a França.” Em torno da mesa leu a seguinte invocação, escrita em letras de ouro: “*Ó Maria que concebeu sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!*” Alguns instantes depois, o quadro se virou, e na parte de trás, ela viu a letra M encimada por uma pequena cruz, e sobre o coração sagrado de Jesus e Maria. E ouviu a mesma voz dizendo: “Nós precisamos que grave uma medalha com este modelo, e quem portá-la consigo e fizer piamente esta oração curta, desfrutará da proteção especial da Mãe de Deus” (Maynard, 1860, p. 292, Livre Tradução).

Figura 1 – Medalha Milagrosa (Arquivo Família Vicentina. Labouré, n.109. s.d.



Fonte: disponível em: <https://vincentianpersons.cdm.depaul.edu/StVincentImages>.

Nas imagens da medalha, Maria é representada com os braços abertos e irradiando graças sobre todo o mundo, que estaria aos seus pés, que esmagam uma serpente do mal. Ainda em 1830, ocorreu a proposta para fabricação da medalha, sugerindo que a França teria um grande papel na divulgação do cristianismo, e isto aconteceria pelas mãos das Filhas de Caridade e pela divulgação da Medalha Milagrosa, objeto de interseção entre Maria, os homens e o mundo celeste. A partir de 1832, quando as primeiras medalhas foram cunhadas, todas as Filhas de Caridade que partiam do centro irradiador, a Casa Mãe de Paris, passaram a circular pelo mundo divulgando os milagres que seriam alcançados pelo intermédio da medalha e das orações para Nossa Senhora das Graças. A frase contida na medalha, “Ó Maria que concebeu sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!”, tornou-se um grande ponto de ligação entre a organização vicentina e os Papas. Em 1854, a informação passada acerca da concepção de Nossa Senhora nas aparições à Catarina Labouré foi utilizada e reforçada por Pio IX na futura decretação do dogma da Imaculada Conceição.

A manifestação que favoreceu a humilde noviça da Casa Mãe das Filhas da Caridade em Paris, em 1830, está ligada por laços mais fortes com a definição dogmática que ocupa um lugar importante na história do nosso século, a definição da Imaculada Conceição da muito santa Virgem Maria, proclamada 24 anos depois, em 08 de dezembro de 1854. A atitude da Virgem que apareceu à feliz Filha de São Vicente de Paulo, colocando os seus pés na cabeça da serpente, a linda oração ensinada pela própria Nossa Senhora e gravada por sua ordem sobre a Medalha Milagrosa “*Ó Maria que concebeu sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*”, expressando uma doutrina em harmonia com as aspirações de todas as gerações católicas; é a afirmação solene de uma verdade revelada por Deus e que se tornou um dogma de fé: a “Imaculada Conceição de Maria” (Annales de la Congregation, 1895, p. 7, Tradução Livre).

Ao decretar o dogma da Imaculada Conceição em 1854, Pio IX também indicava que Nossa Senhora seria a grande mediadora e reconciliadora de todo o mundo junto ao seu filho. Ainda informava que ela era a “fulgidíssima beleza e ornamento da Igreja e sua segura defesa” (Pio IX, Ineffabilis Deus, apud. Costa, 1999, p. 186). Isso quer dizer que, além de mediar e reconciliar o mundo terreno com o celeste, Maria seria a defensora da Igreja Católica. O culto a Nossa Senhora, visto como mediadora entre os pecadores e Cristo, já existia há muito tempo, porém Pio IX arregimentou também a santa para mediar e defender as causas da Igreja Católica, especialmente no momento da expansão do ultramontanismo, como contraponto ao fortalecimento do liberalismo.⁹ Nossa Senhora e os seus seguidores conectados pelo mundo, por intermédio das suas respectivas Medalhas Milagrosas, constituíam-se em bravos soldados em defesa da fé católica romanizada e contra o liberalismo.

Com a medalha milagrosa que leva a imagem da Imaculada, a crença piedosa se espalhou em tal proporção que, no momento da definição dogmática não havia nenhum ponto da terra onde as medalhas não tinham sido usadas com a mais viva fé e a mais ardente devoção a Maria, concebida sem pecado. Acontece que a Medalha Milagrosa, espalhada por toda parte, popularizou a santa crença, que, graças aos milagres incontáveis nos quais foi o instrumento, ela ensinou as pessoas a invocar a Virgem concebida sem pecado. Ela tinha, com uma doçura inefável, virado todas as mentes para Ela que

⁹ A defesa das ideias ultramontanas pode ser encontrada em diversos documentos, como bulas papais, pastorais episcopais, livros ou jornais católicos produzidos ao longo do século XIX. Todos estes documentos tiveram a intencionalidade de expressar o pensamento predominante nos quadros eclesiásticos da época, além de pretender a doutrinação dos fiéis. O mundo moderno, secularizado, constituía-se em um grande perigo para a salvação da alma, pois se fundamentava principalmente na liberdade política e de pensamentos.

seria a salvação do nosso século, o qual pode ser chamado o século da Imaculada (Anales de la Congregation, 1895, p. 8. Tradução Livre).

Segundo o anuário dos vicentinos, quando o dogma da *Imaculada Conceição* foi estabelecido por Pio IX, a devoção a Nossa Senhora já se espalhava por todos os lugares onde a Medalha Milagrosa circulava. A medalha foi um instrumento que popularizou ainda mais o culto à Maria por meio das graças que as pessoas diziam receber. Por outro lado, a circulação das medalhas, instrumentos de conexão entre os homens e Nossa Senhora, a qual por sua vez tornava-se mediadora das necessidades humanas com o divino, ampliava e fortalecia os contatos das Filhas de Caridade em todos os locais nos quais se estabeleciam.

A ligação das Irmãs vicentinas com a medalha milagrosa também proporcionava aos seus assistidos e, especialmente, às meninas uma forte ligação com a adoração de Nossa Senhora e, conseqüentemente, com o dogma da *Imaculada Conceição*. As ligações estabelecidas pelas vicentinas entre Nossa Senhora e as meninas educadas pelas vicentinas partia do princípio da pureza virginal que elas deveriam observar. Para além da virgindade, existiam outras virtudes que conectavam as meninas com Maria, mas nem todas as crianças eram agraciadas com esses valores. Sendo assim, as Filhas de Caridade passaram a observar as suas educandas para escolher aquelas que, por suas virtudes, eram dignas de portar a Medalha Milagrosa ao pescoço e serem identificadas como Filhas de Maria.

Em suas aparições, Nossa Senhora teria dito a Catarina Labouré que a Medalha Milagrosa também seria disseminada por intermédio de algumas meninas escolhidas e que fariam parte de uma tropa na divulgação da devoção mariana. A futura santa vicentina previa então a criação da *Associação das Filhas de Maria*, a qual nasceria na França, mas teria filiais em todos os locais e representavam unicidade em escala planetária em defesa do culto à Maria.

A Associação das Filhas de Maria

A Associação das Filhas de Maria, criada em 1847 na França, seria então uma reunião de meninas virgens, escolhidas pelas Filhas de Caridade entre as suas educandas e que deveriam viver dentro dos princípios traçados nas doze virtudes cristãs, representadas pelas estrelas apresentadas na Medalha Milagrosa: castidade, renúncia, recato, obediência, humildade, abnegação, paciência, caridade, simplicidade, modéstia, disciplina e prudência (Asano, 2003). A medalha seria a exteriorização material dos valores, concepções, papéis e funções que seriam seguidos pelas meninas escolhidas.

No início da Associação, as Filhas de Maria eram selecionadas apenas entre as assistidas diretas das Filhas de Caridade na França, depois ampliaram-se para todas as casas por meio do expansionismo da Congregação. Com o sucesso que obtiveram entre as suas alunas, as Irmãs permitiram que meninas e jovens leigas, sem vínculos com a instituição, também participassem do grupo, desde que apresentassem a observância das doze virtudes. O movimento das Filhas de Maria foi organizado inicialmente pelas vicentinas, mas obteve tantos resultados positivos no disciplinamento das educandas, que a maioria das congregações religiosas femininas instituíram associações semelhantes, ligadas ao culto de Nossa Senhora, com as suas respectivas especificidades congreganistas.

A Associação oferece, portanto, um modelo de mulher ideal de acordo com os critérios de perfeição do século XIX. Para incentivar a adesão total das jovens a este modelo,

a Associação estabeleceu um sistema de filiação com a Virgem. Ao tornar-se Filha de Maria, uma jovem reconhece oficialmente ter a Virgem Maria como mãe. Este vínculo mãe-filha é uma ligação sentimental que aparece como infalível. Por meio deste sistema de filiação divina, os diretores jogam com os diferentes registros de sensibilidade e de afeto (Roman-Galéazzi, 2005, p. 3. Tradução Livre).

Já em 1851, os vicentinos sentiram a necessidade de estabelecer um manual que direcionasse e uniformizasse as ações das Filhas de Maria ligadas à Congregação e que estavam espalhadas por diversas regiões. Esse manual foi revisto vinte anos depois, com as orientações do Superior Geral da Congregação da Missão, Padre Jean-Baptiste Etienne, quando os vicentinos abriram as portas da Associação para as meninas que não eram educadas pelas Irmãs (Manuel, 1871). Já que expandiam os quadros das associadas, necessitavam rever e reforçar as regras instituídas, uma vez que o manual sistematizava os comportamentos desejáveis para as pessoas escolhidas e que fariam parte da associação.

O “Manual das Filhas de Maria” era um importante componente de disciplinarização do cotidiano das meninas em escala universalizada e conectava todas as associadas. Era uma caderneta de tamanho reduzido, com mais de 600 páginas, que as crianças recebiam quando se tornavam Filhas de Maria, o Superior Geral, Padre Etienne, informava: “Este pequeno livro, recebido no momento da sua entrada na família da Imaculada Maria, torna-se, em suas mãos, queridas filhas, um meio de protegê-las contra os perigos que as cercam” (Etienne, apud Manuel, 1871, Tradução Livre). O manual era um mecanismo para a instrumentalização das meninas contra os perigos do mundo e para permanecerem em um caminho considerado como “correto”.

Figura 2 – Padre Etienne prega para as Filhas de Caridade e Filhas de Maria diante da imagem de Nossa Senhora das Graças (Arquivo Família Vicentina. Paris, s.d.



Fonte: disponível em: <https://vincentianpersons.cdm.depaul.edu/StVincentImages>.

O manual editado pela Congregação em 1871 divide-se em quatro partes. A primeira divulga a origem da Associação das Filhas de Maria, os seus estatutos, o modo como as meninas seriam admitidas, qual a conduta que deveriam ter e previa os casos de exclusão. Detalha ainda como seria a formação das assembleias, a eleição dos seus membros diretivos e as preces coletivas para esses encontros. A segunda parte fala da vantagem de constituir a Associação e as indulgências que seriam conquistadas nos locais onde o grupo estivesse. Já a terceira seção fala das obrigações das Filhas de Maria, as suas virtudes essenciais, as festas próprias e uma lista de meditações que auxiliariam na conservação das virtudes das associadas. Na quarta parte, aparecem diversas orações que as meninas deveriam rezar cotidianamente e ainda a publicação do dogma da Imaculada Conceição.

Por meio da observação dos preceitos do manual, as Filhas de Maria percebiam a importância delas para a manutenção da devoção a Nossa Senhora. Com o material que tinham em mãos, passavam pelo percurso da história da Medalha Milagrosa e da instituição da Associação, depois conheciam os seus estatutos, os seus prêmios e o que poderiam fazer para continuar no grupo, por meio de orações, e a manutenção de determinadas atitudes e valores. Por fim, quando se deparavam com o dogma da Imaculada Conceição, compreendiam que foram escolhidas por algo maior: a defesa da Igreja Católica.

Para as educandas vicentinas, tornar-se Filha de Maria era sinônimo de distinção entre as outras meninas da instituição onde eram educadas, mas também significava que, a partir daquele momento, assim como as Filhas de Caridade, fariam parte de uma rede universalizada de meninas. Era um dever das Irmãs Serventes/superiores instituírem ou manterem as Associações das Filhas de Maria em todas as casas particulares vicentinas:

A Irmã Servente deve buscar estabelecer em sua casa, ou caso já exista, manter com zelo a Associação das Filhas de Maria, cujos resultados fornecem muitos frutos consoladores. Ela não poupará este favor para as crianças da casa, mas também a todas aquelas que frequentam sua casa, que podem participar de todos os benefícios espirituais da associação. (...) Para incentivar as meninas, e testemunhar o fato de que ela acredita neste valioso instrumento de santificação, ela frequenta as reuniões sempre que possível, especialmente naquelas que são mais solenes (Coutumier, 1866, p. 62. Tradução Livre).

A participação, a orientação e o controle da Irmã Servente (ou Superiora) nos rumos do grupo local também eram importantes para manter os princípios da Associação. O processo para a escolha de uma Filha de Maria partia de uma observação rigorosa pelas Irmãs da Casa. Quando escolhidas, passavam por um estágio como aspirantes e, durante cerca de dois anos, portavam uma fita verde ao pescoço. Só eram indicadas como Filhas de Maria quando eram aprovadas no estágio e finalmente recebiam a *Medalha Milagrosa* pendurada em uma fita azul e o Manual das Filhas de Maria (Asano, 2003). Além da observação constante de todos os seus atos pelas Filhas de Caridade, as fitas eram sinais visíveis de distinção e de diferenciação dentre as colegas. Além disso, as fitas e medalhas eram símbolos de pertencimento ou aspiração a uma associação para alcançar a perfeição aos olhos da Igreja Católica. Portar a medalha era o desejo e, perdê-la, o castigo, momentâneo ou definitivo.

A partir do momento em que a menina se estabelecia como Filha de Maria, participaria de retiros espirituais, reuniões semanais, novenas, preleções, leituras das vidas de santos e ainda auxiliaria nas atividades catequéticas e caritativas das Filhas de Caridade. Deveria seguir à risca

o regulamento, com o risco de ser expulsa da Associação. Por causa da ligação direta e familiar com Maria, a sua filha recebia uma promessa das vicentinas de que se transformaria em um anjo, caso mantivesse a virgindade até o momento de sua morte. Se a menina optasse pelo casamento, retirava-se da Associação e passava a ser considerada Filha de Maria externa ou, desde que se mantivesse casta em suas atitudes como esposa. Continuava auxiliando nas obras caritativas e era considerada uma mulher modelar no seu casamento (Asano, 2003). A virgindade tornava-se o modelo principal a ser preservado pelas alunas, tanto entre as aspirantes, quanto entre as associadas.

As Filhas de Maria eram recrutadas entre as jovens com mais de 10 anos de idade, internas das escolas das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo. Havia outra associação para crianças com menos de 10 anos, meninos ou meninas, que portavam uma fita vermelha ao pescoço. Era denominada *Associação dos Santos Anjos*, a qual seguia o mesmo modelo da estrutura organizacional da primeira, servia como um preparatório para a etapa seguinte e era presidida por uma Filha de Maria, escolhida entre aquelas consideradas como mais perfeitas. Após ter feito a Primeira Comunhão e ter mais de 10 anos, a menina poderia solicitar a sua entrada como Aspirante à Filha de Maria, período este que poderia durar até um ano. Associava-se até os 18 ou 21 anos, quando estavam aptas para sair da instituição para conviver com assuntos *mundanos*.

Nos Estatutos da Associação, que constavam no manual das Filhas de Maria, segundo a vontade de Maria, era necessária a ordem em todos os espaços para a harmonia do universo. Assim, os Estatutos deviam ser seguidos à risca para conseguir a ordem pretendida na associação. Uma associada deveria “devotar à Maria todos os seus pensamentos, palavras e ações, a cada dia, com a finalidade que a divina Mãe lhe apresente a Jesus” (Manuel, 1870, p.25). Nossa Senhora, tornava-se a grande mediadora entre as meninas e Jesus Cristo, devido à sua doçura e espírito maternal, o que traria um contato mais agradável para a idade das aspirantes e associadas.

Os Estatutos estabeleciam como a grande festa da Associação o dia da Imaculada Conceição, 08 de dezembro, momento no qual todas as associadas deveriam renovar a consagração à Nossa Senhora. Todos os dias santos consideráveis pela Associação deveriam ser festejados, por meio de reuniões na Capela, com muita oração e cantos. O Manual aponta 29 dias que deviam ser festejados, com as respectivas orações e cânticos em latim ou francês para cada momento. Os dias devotados à Nossa Senhora seriam os mais celebrados para alcançar mais graças junto à protetora¹⁰.

A primeira obrigação de uma Filha de Maria seria o amor a Nossa Senhora. Todos os dias ela deveria fazer exercícios de piedade, trabalhar e descansar. Os exercícios de piedade consistiam em atividades repetidas diariamente, tais como fazer o sinal da cruz ao levantar-se, oferecer o dia a Jesus e Maria, ter pensamentos piedosos, meditar, assistir à missa todos os dias, visitar a imagem de Nossa Senhora na capela após o meio-dia, ler obras piedosas, rezar e fazer um exame moral ao final do dia. O trabalho era considerado como uma punição salutar para expiar as faltas e o repouso, necessário para o fortalecimento das demais atividades.

O domingo seria guardado e, neste dia, as associadas deveriam apenas participar da Assembleia semanal. As Assembleias consistiam em reuniões de todas as associadas para decisões administrativas, econômicas, rezas e orações na capela. Ocorria uma assembleia a cada domingo

¹⁰ Destacam-se Imaculada Conceição; Purificação; Anunciação; Compaixão; Visitação; Imaculado Coração de Maria; Assunção; nascimento de Maria; santo nome de Maria; e apresentação de Maria no templo. (Manuel, 1870).

e outra mensal. Esta última era presidida pelo Diretor da Associação, um padre designado. Já as demais reuniões eram presididas pela Diretora da Associação, a Madre Superiora da Casa.

A estrutura da associação dividia-se entre os membros do Conselho e as demais Filhas de Maria. O Conselho era presidido pelo Diretor, a “alma”, aquele responsável por corrigir os abusos e as faltas do grupo. A Diretora era considerada a “mãe” da casa, representante direta de Maria e responsável pelos conselhos maternais às associadas. Havia uma vice-diretora, escolhida entre as mestras da escola, encarregada de conhecer as associadas, formar a virtude e vigiá-las. Entre as Filhas de Maria eram escolhidas anualmente, por meio de voto secreto, como membros do conselho: a presidente, suas duas auxiliares, a secretária, as duas sacristãs e a bibliotecária. A Presidente possuía fortes poderes entre as suas colegas, uma vez que falava por todas nas reuniões do Conselho e Assembleias, assinava as deliberações, as contas da tesouraria, cartas enviadas aos vicentinos, velava pelos registros e, além disso, era responsável por formar as Aspirantes para o passo seguinte.

Cabia ao Conselho votar a exclusão de uma associada, com a metade dos votos mais um. A culpada seria advertida três vezes antes da exclusão e, em todas as advertências, teria a penalidade de ficar um período sem a medalha, como uma demonstração visual de sua falta¹¹. Quando a falta fosse muito grave e a associada considerada como um contato perigoso para as demais, esta seria afastada imediatamente. O afastamento acontecia na frente de todas as associadas, reunidas em assembleia, quando a diretora tirava as insígnias e as associadas rezavam pela alma da excluída.

Tornar-se Filha de Maria tinha suas vantagens. Segundo o Manual, eram vantagens temporais, morais e espirituais. As primeiras consistiam em propiciar amizades, participar das festas e frequentar uma boa biblioteca, com leituras edificantes. As vantagens morais eram responsáveis por moldar a natureza, reformar o caráter, mortificar o amor-próprio e trazer a aquisição de virtudes de “humildade, obediência, doçura, paciência, afabilidade e condescendência” (Manuel, 1870, p.131. Tradução Livre). Já as vantagens espirituais estavam presentes no poder de exemplo, de possuir todas as virtudes cristãs, dar-se a Deus sem reserva e receber as indulgências. Assim, as Filhas de Maria, por meio de seus atos, orações e cantos, possuíam a capacidade de absolver parte ou a totalidade de seus pecados, de seus familiares ou ainda das pessoas para as quais intencionavam as suas ações, especialmente para as almas do purgatório¹².

Uma nova festa e a sua universalização

Em julho de 1894, o papa Leão XIII instituiu a festa litúrgica da aparição da Medalha Milagrosa e, em novembro, decretou a indulgência plenária para aqueles que manifestassem a devoção

¹¹ São consideradas faltas passíveis de advertência: resistência formal às ordens da mestra; injúrias contra uma companheira; crítica ou murmúrio contra as mestras, o regulamento da Casa ou da Associação; desobediência às regras da Casa; relações interditas com as alunas externas, por escrito ou fala; leitura de livros perigosos ou a introdução destes na Casa; amizade particular com uma colega. A exclusão imediata aconteceria por faltas escandalosas, contra a virtude da modéstia, a lei de Deus ou da Igreja. (Manuel, 1870).

¹² As indulgências plenárias (totais), aconteciam nos momentos de entrada para a Associação, morte, no dia do Natal, ascensão, concepção, anunciação, assunção e nascimento de Nossa Senhora. Ganhava 7 anos de indulgência a associada que fizesse as seguintes obras: acompanhar o sepultamento do corpo de uma associada ou outro fiel; rezar por um agonizante ou um defunto; assistir a divinos ofícios, sermões ou exortação espiritual; assistir ao ofício dos mortos; assistir à santa missa em suas férias; examinar sua consciência ao deitar-se; visitar as associações de pobres doentes, visitar prisioneiros ou reconciliar aqueles que brigaram (Manuel, 1870, p.131).

à Medalha Milagrosa.¹³ Desta vez, o fortalecimento da perspectiva ultramontana acontecia a partir da circulação de um objeto visual de devoção. A Medalha Milagrosa seria um “atrator”¹⁴, que auxiliaria na criação de vínculos com a Igreja Católica, pelas mediações realizadas pelas irmãs vicentinas e as suas melhores educandas, as Filhas de Maria. Assim, durante três dias, culminando em 27 de novembro do mesmo ano, a família vicentina composta pelos Lazaristas, Filhas de Caridade, seus assistidos e suas educandas, comemoraram com grandes festividades a *Manifestação da Imaculada Virgem da Medalha Milagrosa*. O dia da comemoração coincidia com aquele que Catarina Labouré teria visto e recebido a descrição da medalha. As comemorações de 1894 foram relatadas em um número especial dos Anais da Congregação da Missão:

As festas solenes que acabaram de ser celebradas, pode-se dizer, **em todos os países do mundo**, em honra por mais de sessenta anos da Aparição da Santíssima Virgem e da Medalha Milagrosa, foram como um deslumbrante florescimento de sentimentos crescentes de gratidão e amor nos corações (Annales, 1895, p.5. Tradução Livre. Grifos Nossos).

Para que a festa ocorresse em todos os países do mundo, inicialmente as dioceses e ordens religiosas deveriam convidar todos os fiéis. Na França, foi impressa uma curta e popular narrativa que contava a história da aparição da Medalha Milagrosa. A edição francesa teve mais de 300.000 exemplares e logo apareceram as edições em inglês, espanhol, italiano e flamengo. Além disso, há poucos dias que antecediam a festa, os fabricantes de Paris não conseguiam atender aos pedidos para cunhar as medalhas (Annales, 1895, p.9).

Por meio dos diversos relatos contidos nos Anais da Congregação da Missão, é possível realizar o levantamento dos espaços onde ocorreram as festividades da Medalha Milagrosa e que foram organizadas pela família vicentina. A divisão entre as diversas partes do mundo aparece da seguinte forma: Europa (França, Áustria, Espanha, Irlanda, Itália e Polônia)¹⁵; Ásia (China, Pérsia, Síria); África (Argélia); América do Norte (Estados Unidos e México), América Central (Costa Rica e Guatemala) e América do Sul (Paraguai, Peru, Argentina e Brasil). Se compararmos esta informação com aquela apresentada por Maynard em 1860, é possível detectar como a expansão dos Lazaristas e das Filhas de Caridade pelas *quatro partes do mundo* se consolidara e ampliara.

A maior festividade aconteceu em Paris, onde as Filhas de Maria e Irmãs Vicentinas pareciam como *abelhas em movimento*, uma vez que a casa da *Rue du Bac*, local da manifestação religiosa, realizou no dia 25 de novembro uma missa especial para as Associações de Filhas de Maria externas. Compareceram cerca de 1800 meninas externas, que representavam as Associações provenientes de vários cantos da França, além de cerca de 1500 internas, educadas pelas Filhas de Caridade em Paris. Nos demais espaços franceses aconteceram festividades para celebrar a Medalha Milagrosa

¹³ A indulgência plenária cancela as penas temporais e os pecados a todos os fiéis que tivessem realizado a confissão, feito a comunhão e visitado “piedosamente uma igreja ou oratório público, seja dos Padres da Congregação da Missão fundada por São Vicente de Paulo, seja das irmãs, ditas Filhas da Caridade, no dia quando se celebra a festa da Manifestação da Imaculada Virgem da Santa Medalha (Annales, 1895, p.203. Tradução Livre).

¹⁴ Os dispositivos visuais são denominados de “atratores”, que existem e circulam por meio de mediadores e conectores (Gruzinski, 2014, p.349).

¹⁵ Em Portugal, as Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo foram expulsas pela ação de políticos liberais em 1862. Retornaram de forma espaçada e com poucas religiosas a partir de 1871, e possivelmente não acarretou um movimento expressivo para a celebração da festividade e relato na fonte consultada. (Lage, 2013; Silva, 2009).

com a participação da família vicentina em datas posteriores. Assim, em Amiens, a festa aconteceu por meio de uma missa celebrada em 02 de dezembro e contou com cerca de 400 Filhas de Maria e mais de 100 Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo (Annales, 1895).

As celebrações aconteceram também em outros espaços da Europa. Em Madrid, na Espanha, instalaram iluminação elétrica na capela das irmãs vicentinas para as festividades, onde as “Filhas de Maria responderam ao apelo e compareceram em grande número nos quatro dias de festa” (Annales, 1895, p.62). Em Graz, na Áustria, apareceram mais de 600 Filhas de Maria. Em todos os relatos das comemorações na Europa é possível detectar a presença marcante e em grande número das meninas escolhidas pelas irmãs vicentinas.

Na Ásia, observa-se as festividades com a participação das Filhas de Maria em Esmirna (Turquia) e em Aintoura (Líbano). Devido às longas distâncias, as informações da província chinesa ainda não haviam chegado a Paris quando os Anais da Congregação foram publicados (Annales, 1895, p.180). Embora tenha ocorrido uma comemoração para a Medalha Milagrosa na Argélia, com a participação dos Lazaristas e das Filhas de Caridade, não foi possível detectar a presença das Filhas de Maria na África.

Na América, onde as Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo conseguiram uma expansão maior, as festividades para a Medalha Milagrosa foram grandiosas. Na América do Norte - nos Estados Unidos e México - e na América Central - na Guatemala e Costa Rica-, detecta-se grandes manifestações religiosas. Na América do Sul, em Lima, no Peru, ocorreu uma grande procissão: “No dia 27 fizemos a procissão; todas as Filhas de Maria externas e internas, de todas as casas compareceram de branco, com seus estandartes e bandeiras. A procissão teve lugar nos claustros e no jardim da Casa central, ao redor da praça em frente à casa e igreja” (Annales, 1895, p. 191. Tradução Livre).

No Brasil, as festividades aconteceram em Fortaleza (Ceará), Salvador (Bahia) com cerca de 400 Filhas de Maria, e em Mariana (Minas Gerais), local de instalação da primeira casa das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, onde cerca de 200 Filhas de Maria vestidas de branco e portando as suas medalhas participaram da missa no Seminário da cidade, que “fornecia um belo espetáculo, parecia como se estivesse cheia de uma misteriosa nuvem branca” (Annales, 1895, p.192. Tradução Livre). Os Anais da Congregação ainda trazem a reprodução de jornais argentinos e uruguaios sobre as respectivas festividades, todas com a presença da família vicentina e suas Filhas de Maria.

Considerações Finais

Tornar-se uma Filha de Maria propiciava uma ascensão dentro da própria instituição vicentina, mas ainda na sociedade que a cercava. Além disso, congregava em uma associação as educandas selecionadas e consideradas adequadas ao fortalecimento do discurso ultramontano. Tornavam-se instrumentos da expansão do discurso católico, uma vez que portavam a Medalha Milagrosa e se colocavam sob a proteção de Nossa Senhora.

As *Filhas de Maria*, consideradas como *futuros anjos*, exerceram um importante papel na expansão do Catolicismo, tanto como multiplicadoras da adoração mariana, quanto no auxílio das obras das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo. Em todas as festas da organização, apareciam distintamente após as Irmãs e sempre ocupavam lugares de honra nos eventos. Eram modelos que seriam seguidos pelas outras meninas.

O levantamento das festividades, bem como a presença das Filhas de Maria nestes momentos, demonstra a circulação dos princípios das vicentinas, bem como da ampliação do culto à Medalha Milagrosa pelos “quatro cantos do mundo”. Os raios da imagem apresentada à Catarina Labouré se espalharam e auxiliaram na manutenção do catolicismo romanizado.

Os movimentos dessa congregação confirmam uma prática secular das instituições católicas, intensificadas desde o contexto da expansão europeia a partir do século XVI, e relacionadas aos esforços iniciais de contenção da expansão do protestantismo e de conquista e consolidação de espaços de atuação do catolicismo. As congregações femininas não ficaram alheias a esse processo, ainda que mais fortemente no século XIX. Uma perspectiva inspirada nas abordagens conectadas nos permite, assim, a análise desses movimentos e das estratégias utilizadas para promover a presença pretensamente homogênea em todos os territórios onde estivessem, ainda que diante de conflitos e contradições nos usos que se pudessem fazer dos seus instrumentos de mobilização.

REFERÊNCIAS

- ANNALES de la congrégation de la mission ou recueil de lettres édifiantes. Ecrites par les prêtres de cette congrégation et par les filles de la charité. Paris, v. 60, n.1, 1895. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/annales/>. Acesso em 13 ago. 2025.
- ASANO, Sandra Nui. “**Vigiai e orai**”: as mulheres no projeto de romanização do catolicismo (Diamantina/MG – 1866 a 1902). Dissertação (Mestrado em História). Brasília, 2003. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Nacional de Brasília.
- COSTA, Lourenço. **Documentos de Gregório XVI e de Pio IX**. São Paulo: Paulus, 1999.
- COUTUMIER des Maisons Particulières de la Compagnie des Filles de la Charité, 1862. Arquivo das Congregações, Livro 817 (Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa, PT).
- GAJANO, Sofia Boeschi. Santidade. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. V.II. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002. p. 449-463.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GRUZINSKI, Serge. Les mondes mêlés de la monarchie catholique et autres “connected histories”. **Annales HSS**. Paris, v. 56, n.1, p. 85-117, 2001. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_2001_num_56_1_279935. Acesso em 13 ago. 2025.
- GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo**. História de uma mundialização. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/EDUSP, 2014.
- HOFMEYR, Isabel et alli. AHR Conversation: On Transnational History. **American Historical Review**. Oxford, V.111, n.5, p. 1441-1464, 2006. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&iid=W2109831143>. Acesso em 13 ago. 2025.
- LAGE, Ana Cristina Pereira. **Conexões vicentinas**. Particularidades políticas e religiosas da educação confessional em Mariana e Lisboa oitocentistas. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2013.
- LANGLOIS, Claude. **Le catholicisme au féminin: les congrégations françaises à supérieure générale au XIXème siècle**. Paris: Editions du Cerf, 1984.
- MANUEL des enfants de Marie a l’usage des ouvriers et des écoles des filles de la charité, nouvelle édition revue et considérablement augmentée. Paris: Librairie Adrien le Clere. 1871. (Arquivo Biblioteca Nacional de Portugal).
- MAYNARD, Ulysse L’Abbe. **Saint Vincent de Paul. Sa vie, son temps, ses oeuvres, son influence**. Paris: Ambroise Bray, 1860.
- MENEZES, Marcos Antônio de. A Comuna: mais uma flor de Paris. **História Revista**. Goiânia, v.16, n.2, p. 137-150, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/18144>. Acesso em 13 ago. 2025.
- Purdy, Sean. A História comparada e o desafio da transnacionalidade. **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 64-84, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/59>. Acesso em 13 ago. 2025.
- ROMAN-GALÉAZZI, Hélène. Les enfants de Marie Immaculée. Formation d’une elite populaire de la piété. **Rives Nord -Méditerranéennes**, Provence, n.21, 2005. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rives/2553?lang=en>. Acesso em 13 ago. 2025.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos e SANTIROCCHI, Pryscylla Cordeiro Rodrigues. Os desafios da universalização da Congregação da Missão no Superiorato do Padre Jean-Baptiste Etienne (1843-1874). In: **Almanack**, São Paulo, n.26, p. 1-52, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alm/a/St4fxYhm8kqh3gd93GLCkTH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 13 ago. 2025.
- SILVA, Irmã Ruth Isabel. **As filhas de caridade de São Vicente de Paulo em Portugal**. Lisboa: Colibri, 2009.